

ERRO



EX



POSTO



**ERRO
GRUPO**



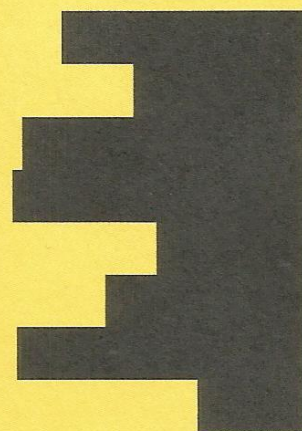


FUNCULTURAL



ERRO EX POSTO

EXPOSIÇÃO DE 12 ANOS
DOS TRABALHOS DO ERRO GRUPO



FLORIANÓPOLIS, 2014

— ERRO Grupo (orgs.) —

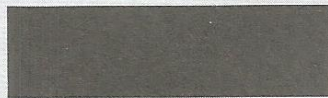
ERRO



EX



POSTO



— Ilha do Desterro, 2014 —

Sacudir a poeira da história

Kamilla Nunes

É possível para nós imaginarmos e pontuarmos formas de resistência política e cultural aos movimentos de “progresso” - ou “falso progresso” - tão caros ao século XX e insistentes no século XXI. Mas para continuar resistindo, não resta alternativa a não ser interrogarmos esse termo e suas implicações em nossa vida cotidiana. Os trabalhos que fazem parte da exposição ERRO EX POSTO¹ as colocaram à vista, de forma perspicaz, e fazem com que nós, espectadores, tornemo-nos cúmplices de uma desconfiança nem sempre perceptível em meio ao ritmo acelerado de uma sociedade neoliberal. São obras que apontam para a dificuldade de encarnarmos nossos próprios princípios políticos.

Esta exposição conflui a experiência cotidiana a partir da dilatação de situações exponenciais.

Faz incessante referência à particularidade e à conectividade com a qual o ERRO Grupo experiencia o mundo e, particularmente, a rua. Em linhas gerais, trata-se de uma construção imagética que reuniu a história deste grupo aliada à atitude de protagonizar o público e o

¹ Ao todo, foram realizados doze trabalhos: Ossos do ofício, Segredos da Academia, Parangolé Burocrático, Livre de visitas, Cofre Público, 4o. Bloomsburied, Churrascão VI, Pendurando as Chuteiras, Bustox, ECO, Capacho e Teatro Invisível.

lugar (político, econômico e social). Uma tentativa de trazer o que é distante e intangível para mais perto; de converter o anonimato, colocando-o de volta no mundo, abrindo espaço e construindo narrativas em interação com o contexto de suas próprias ações. Na obra Teatro Invisível, por exemplo, moradores e ex-moradores de rua foram convidados a vestir os figurinos da obra Carga Viva (2002) durante o período da exposição. Considero importante relembrar o pensamento do filósofo Jacques Rancière quando este aponta que a arte política não tem normas, posto que “a arte produz ficções não para a ação política, mas no seio de sua própria política”².

Sacudir a poeira da história significa dar visibilidade a tudo que intervém no conhecimento de si próprio e, neste caso, da própria história do grupo. Significa dar visibilidade aos processos ofuscados pelo espetáculo. [REDACTED]

[REDACTED] Torna-se coisa, dar dimensão à lacuna e rejeitar a conciliação das vozes dissonantes consistentes, no contexto de atuação do ERRO, em resgatar a memória pelo viés do colapso. Não caberia, nem tampouco seria coerente com a atuação artística/política deste grupo, fazer uma retrospectiva dos seus doze anos de existência expondo seu próprio passado apenas através de registros históricos convencionais³. Doze anos de história podem ser contados através de

2 RANCIÈRE, Jacques. Política da Arte. Revista Urdimento. UDESC. Florianópolis: Programa de Pós-graduação em Teatro, UDESC, n. 15, out. 2010, p. 53.

3 Em 2014 foram publicados dois livros sobre a trajetória do ERRO Grupo: Poética do ERRO: Dramaturgias e Poética do ERRO: Registros.

fotografias, vídeos, artigos de jornais e revistas, catálogos ou livros, mas também através de notas fiscais, de autorizações de uso de equipamento de som nas ruas, de contratos, de editais, de solicitações, de ofícios. Assim, pelo viés do marginalizado, que é composta a instalação Parangolé Burocrático.

Esta exposição, inerente às dinâmicas dos processos vitais do ERRO Grupo, desenvolve uma relação real e em constante movimento com o mundo, reage com sensibilidade ao passado, sem tornar-se refém da História. A dimensão do hiato EX POSTO pode ser percebida através de elementos subjetivos, que parecem correr ao encontro de um ponto de explosão, provocando outras perspectivas em relação àquelas apresentadas anteriormente nas performances e ações do grupo. Ao todo, foram doze anos representados em doze trabalhos de mídias diversas, como instalações, objetos, intervenções urbanas e ações performáticas.

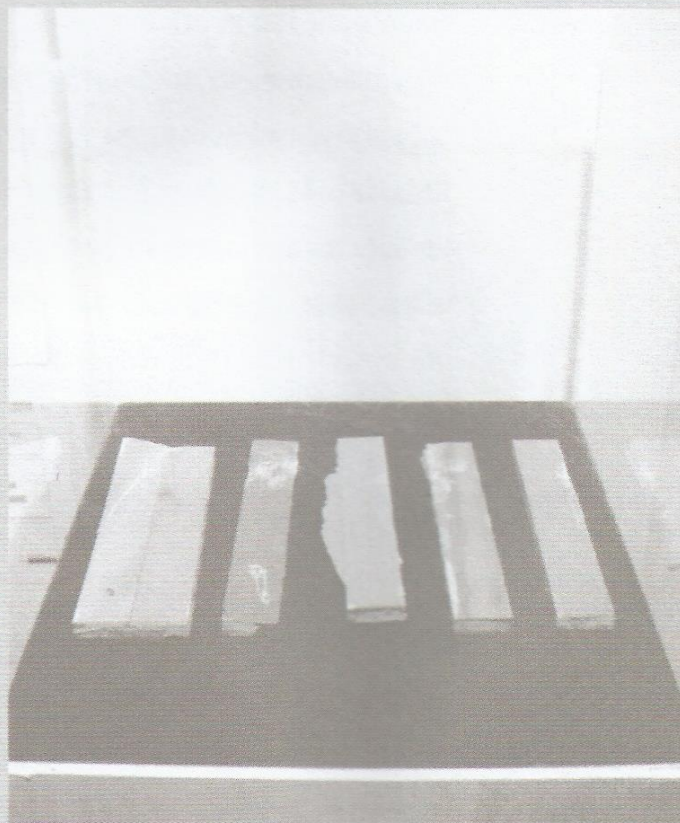
A presença da burocracia como o motivo gerador da obra Parangolé Burocrático foi refletida e perpassada, também, em Ossos do Ofício, na qual quatro piranhas carnívoras Red Bellied foram imersas em um aquário com ossos de bacia de boi, o mesmo tipo de fragmento utilizado na peça Formas de Brincar (2010). As piranhas, na exposição,

tornaram-se uma metáfora do ator fora de cena, o mesmo que redige ofícios, projetos e documentos, que luta contra um sistema falho de leis que deveriam incentivar a produção cultural, ao invés de afundá-las. Um protagonismo às

avessas que, desta vez, inclui o espectador em uma narrativa sem deslumbramento, numa clara alusão ao espetáculo descoratinado, ao obsceno e, porque não, à tragédia, que é um elemento caro ao grupo, presente em todos os seus trabalhos.

A par do destaque dado à Ossos do Ofício, o grupo revela em Segredos da Academia a presença de seis tacos de madeira, danificados durante a performance 2º Bloomsburied, [REDACTED]

e leiloados no 3º Bloomsburied como uma série sob a alcunha de Dumping no Pregão em Evento Internacional, uma performance realizada pelo ERRO Grupo durante o evento Bloomsday, em homenagem ao escritor James Joyce, anualmente realizado em referência ao personagem Bloom da obra Ulisses. As marcas das marteladas nos tacos (que foram retirados do espaço expositivo na ocasião do evento, por terem sido danificados, e substituídos por tacos novos) reapareceram nesta exposição sem se aterem a um julgamento de valor e, paradoxalmente, invocando um valor de mercado. O que antes havia



sido realizado como ação performática (a ação de dar “marteladas” no espaço expositivo), no 3º e 4º Bloomsburied o resquício desta ação foi transformado em obra de “Arte”.

Assim, uma narrativa abre espaço para outras narrativas, dentro e fora do espaço legitimador da arte. É preciso pisar em um macacão de operário resinado no chão para adentrar a exposição (e, por consequência, sair dela) e permitir que a metáfora seja transformada em fuligem e adensada no cotidiano. Capacho foi figurino da peça Carga Viva que teve como ponto de partida a questão da loucura e da lucidez.

De acordo com o próprio grupo, o trabalho “buscou abordar o tema sem impor uma verdade ilusória, e, portanto, caminhou no desconhecido ao discutir parâmetros de normalidade, para colocar o público como testemunha do tratamento dado aos indivíduos que fogem dos padrões”. Mas novamente devemos levar em consideração que a familiaridade com esta vestimenta ultrapassa os valores da história por proporcionar uma experiência não linear e não sequencial.

Por essa vertente, Capacho somos todos nós, indivíduos pré-fabricados pela indústria de massa que se ergue sobre um mundo incurável.

Nesta passagem, do espaço expositivo para a rua, há um vazio que se ergue: a distância entre os sujeitos. Para Peter Sloterdijk,

“aquilo que o sujeito, em virtude do seu esforço, pode pôr fora de si próprio é sempre apenas ele próprio, projetado e produzido por ele próprio. Ao trazer-se energicamente ao seu próprio mundo, o sujeito faz com que se abra um distância intransponível relativamente ao mundo dos outros”⁴. Se pensada como parte de um único corpo, as obras apresentadas nesta exposição se realizam sob o prenúncio das manifestações artísticas e políticas, fazendo da arte um grande mosaico de referência a outros modos de olhar para um objeto comum ou mesmo para as diversas formas de arte. A cidade surge para o grupo tanto como um dispositivo, co-autor e ator para o desenvolvimento de suas intervenções urbanas, quanto como agente dominante de significação do sujeito.

Churrascão VI proporciona um lugar de encontro com o outro, tratando a rua como um espaço de vivência, mais do que de passagem. A permanência e, portanto, o tempo são essenciais para a realização desta ação, que se inscreve no deslocamento de padrão e comportamento, atualmente blindado pelo medo, assepsia e inibição de qualquer tipo de ação que fuja da “normalidade”.

Retornar aos preceitos dos Situacionistas é uma forma de conscientizar as pessoas de que o lugar é um devir, de que o espaço público deve ser público e de uso social, portanto um lugar de integração. Nos fios de luz de alta tensão dos postes da

4 SLOTERDIJK, Peter. A mobilização infinita – Para uma crítica política. Lisboa: Relógio D`Água Editores, 2002, p.133.



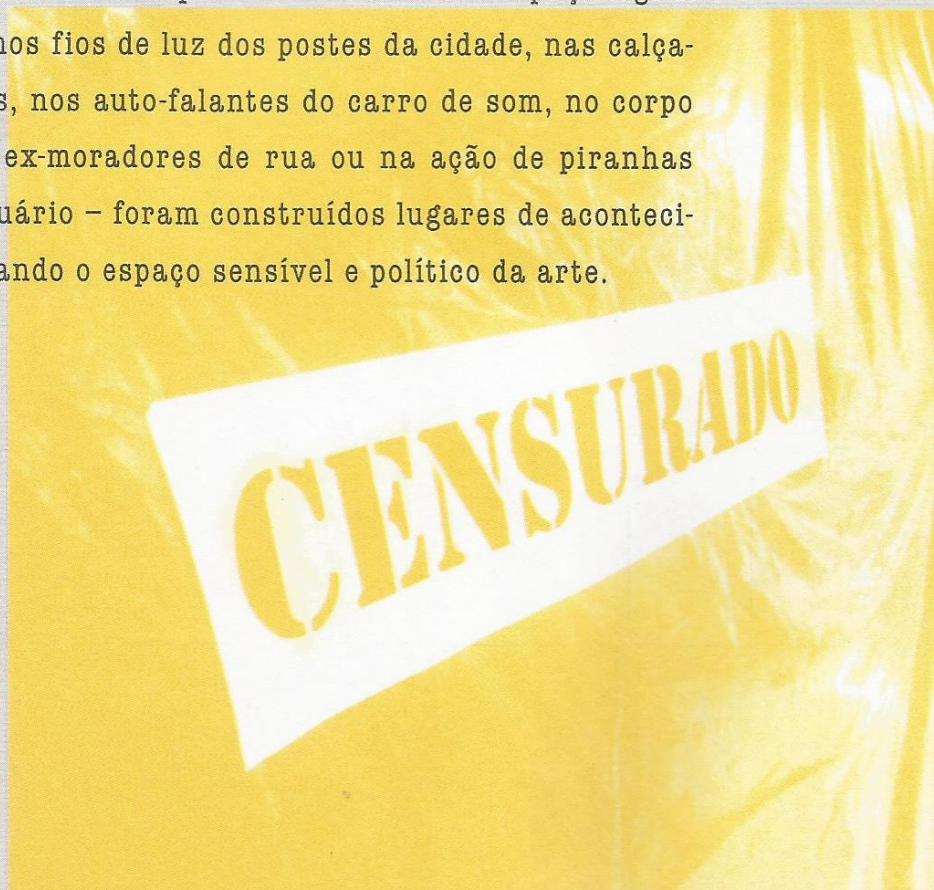
cidade há uma demarcação de território. Três ruas do centro de Florianópolis foram escolhidas pelo grupo para a realização de uma intervenção com coturnos da Polícia Militar. A escolha das ruas se deu em virtude da trajetória do grupo. São locais de atuação do ERRO e também onde ocorreram algumas de suas peças mais significativas: a Rua Saldanha Marinho marca a primeira apresentação do ERRO na rua, Adelaide Fontana (2001); na Rua Vitor Meirelles acontece o final de Desvio (2006) e, na Rua Padre

Roma, se localiza o imóvel que foi a antiga sede do ERRO Grupo (de 2011 a 2013). Pendurando as Chuteiras demarca, além de um território, a transitoriedade da arte e a possibilidade de testemunhar suas mudanças de linguagens e paradigmas.



Em um sentido figurado e popular, “pendurar as chuteiras” significa “dar uma pausa”, finalizar determinadas situações ou ações. Afinal, uma trajetória também é construída com memórias de fragilidade, erro, momentos críticos e mudanças de posturas.

Pendurando as chuteiras é uma ação política, uma possibilidade de ressignificar objetos caros ao grupo (que podem ter passado despercebidos pelo público), uma crítica ao poder e, sobretudo, um momento de intervalo. Pelo EX POSTO, posso dizer que dentro e fora - no espaço legitimado da arte e nos fios de luz dos postes da cidade, nas calçadas e nas praças, nos auto-falantes do carro de som, no corpo de moradores e ex-moradores de rua ou na ação de piranhas dentro de um aquário - foram construídos lugares de acontecimento, configurando o espaço sensível e político da arte.

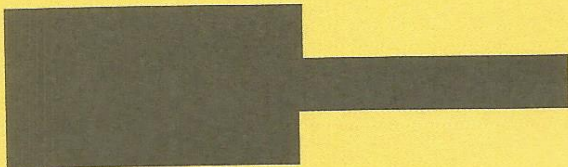


ERRO EX POSTO

FICHA TÉCNICA

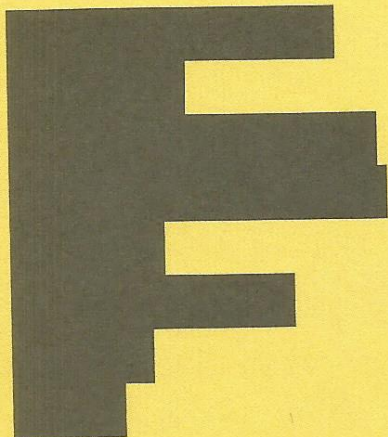
ARTISTAS – ERRO GRUPO	PEDRO BENNATON, LUANA RAITER, SARAH FERREIRA E LUIZ HENRIQUE CUDO.
CURADORIA E PRODUÇÃO	KAMILA NUNES E ERRO Grupo
CONSULTORIA, ASSESSORIA E PARTICIPAÇÃO NA CONFECCÃO DAS OBRAS	FABRÍCIO DE PAULA OLIVEIRA, MARTIM AMARAL, IAN PFEIFER RAITER, JULIA AMARAL, ANA PAULA CARDOZO, MICHEL MARQUES, PRISCILA ZACCARON, [REDACTED] ALAI GARCIA DINIZ, DILMO NUNES, WELLINGTON BAUER, JOÃO SPINELLI, GUSTAVO TIRELLI E ANGELO FRANCISCO GIOTTO.
ASSESSORIA DE IMPRENSA	JULIANA BASSETTI.
WEB-SITE	ARS ARQUITETURA DE INTERFACES.
REGISTROS (FOTOS E VÍDEOS)	PI ARTE, FOTO E VÍDEO, RODRIGO RAMOS, JULIA OLIVEIRA, PEDRO BENNATON E LUIZ HENRIQUE CUDO.
CRIAÇÃO DO MATERIAL GRÁFICO	[REDACTED] BALACLAVA STUDIO.
MONITORIA	JULIA OLIVEIRA.
CONCEPÇÃO E PROJETO	LUANA RAITER, PEDRO BENNATON E LUIZ HENRIQUE CUDO
MONTAGEM	ERRO Grupo E KAMILA NUNES
CRIAÇÃO	ERRO Grupo

**ERRO
GRUPO**



WEBSITE: WWW.ERROGRUPO.COM.BR

E-MAIL: ERRO@ERROGRUPO.COM.BR



Este catálogo foi produzido em abril de 2014 em
Florianópolis, Santa Catarina.

Foi impresso em papel offset 90g, nas tipografias
American Typewriter (7 a 12pts) e Futura LT (9 a 36pts)
e seus respectivos pesos e variantes.



FUNCULTURAL



APOIO:



WWW.ERROGRUPO.COM.BR